



**Universidade da Amazônia**

# Panóplias

**de Olavo Bilac**

**NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197

[www.nead.unama.br](http://www.nead.unama.br)

E-mail: [nead@unama.br](mailto:nead@unama.br)



## Panóplias

A Morte de Tapir  
de Olavo Bilac

### I

Uma coluna de ouro e púrpuras ondeantes  
Subia o firmamento. Acesos véus, radiantes  
Rubras nuvens, do sol à viva luz, do poente  
Vinham, soltas, correr o espaço resplendente.  
Foi a essa hora, — às mãos o arco possante, à cinta  
Do leve enduape a tanga em várias cores tinta,  
A aiucara ao pescoço, o canitar à testa, —  
— Que Tapir penetrou o seio da floresta.  
Era de vê-lo assim, com o vulto enorme ao peso  
Dos anos acurvado, o olhar faiscando aceso,  
Firme o passo apesar da extrema idade, e forte.  
Ninguém, como ele, em face, altivo e hercúleo, a morte  
Tantas vezes fitou... Ninguém, como ele, o braço  
Erguendo, a lança aguda atirava no espaço.  
Quanta vez, do uapi ao rouco troar, ligeiro  
Como a corça, ao rugir do estrépito guerreiro  
O tacape brutal rodando no ar, terrível,  
Incólume, vibrando os golpes, — insensível  
Às preces, ao clamor dos gritos, surdo ao pranto  
Das vitimas, - passou, como um tufão, o espanto,  
O extermínio, o terror atrás de si deixando!  
Quanta vez do inimigo o embate rechaçando  
Por si só, foi seu peito uma muralha erguida,  
Em que vinha bater e quebrar-se vencida  
De uma tribo contrária a onda medonha e bruta!  
Onde um pulso que, tal como seu pulso, à luta  
Costumado, um por um, ao chão arremessasse  
Dez combatentes? Onde um arco, que atirasse  
Mais célere, a zunir, a fina flecha ervada?  
Quanta vez, a vagar na floresta cerrada,  
Peito a peito lutou com as fulvas onças bravas,  
E as onças a seus pés tombaram, como escravas,  
Nadando em sangue quente, e, em roda, o eco infinite  
Despertando, ao morrer, com o derradeiro grito!..  
Quanta vez! E hoje velho, hoje abatido!

### II

E o dia

Entre os sangüíneos tons do ocaso decaía...

E era tudo em silêncio, adormecido e quedo...  
De súbito um tremor correu todo o arvoredo:  
E o que há pouco era calma, agora é movimento,  
Treme, agita-se, acorda, e se lastima... O vento  
Fala: "Tapir! Tapir! é finda a tua raça!"  
E em tudo a mesma voz misteriosa passa;  
As árvores e o chão despertam, repetindo:  
'Tapir! Tapir! Tapir! O teu poder é findo!"

E, a essa hora, ao fulgor do derradeiro raio  
Do sol, que o disco de ouro, em lúcido desmaio,  
Quase no extremo céu de todo mergulhava,  
Aquela estranha voz pela floresta ecoava  
Num confuso rumor entrecortado, insano...  
Como que em cada tronco havia um peito humano  
Que se queixava... E o velho, úmido o olhar, seguia.  
E, a cada passo assim dado na mata, via  
Surgir de cada canto uma lembrança... Fora  
Desta imensa ramada à sombra protetora  
Que um dia repousara... Além, a árvore anosa,  
Em cujos galhos, no ar erguidos, a formosa,  
A doce Juraci a rede suspendera,  
— A rede que, com as mãos finíssimas, tecera  
Para ele, seu senhor e seu guerreiro amado!  
Ali... — Contai-o vós, contai-o, embalsamado  
Retiro, ninhos no ar suspensos, aves, flores!...  
Contai-o, o poema ideal dos primeiros amores,  
Os corpos um ao outro estreitamente unidos,  
Os abraços sem conta, os beijos, os gemidos,  
E o rumor do noivado, estremecendo a mata,  
Sob o plácido olhar das estrelas de prata...

Juraci! Juraci! Vvirgem morena e pura!  
Tu também! Ttu também desceste à sepultura!...

### III

E Tapir caminhava... Ante ele agora um rio  
Corria; e a água também, ao crebro  
Da corrente, a rolar, gemia ansiosa e clara:  
— "Tapir! Tapir! Tapir! Que é da veloz igara,  
Que é dos remos dos teus? Não mais as redes finas  
Vêm na pesca sondar-me as águas cristalinas.  
Ai! Não mais beijarei os corpos luxuriantes,  
Os curvos seios nus, as formas palpitantes  
Das morenas gentis de tua tribo extinta!  
Não mais! Depois dos teus de brônzea pele tinta  
Com os sucos do urucu, de pele branca vieram

Outros, que a ti e aos teus nas selvas sucederam.  
Ai! Tapir! Aai! Tapir! A tua raça é morta!"  
E o índio, trêmulo, ouvindo aquilo tudo, absorta  
A alma em cismas, seguiu curvada a fronte ao peito.  
Agora da floresta o chão não mais direito  
E plano se estendia: era um declive; e quando  
Pelo tortuoso anfracto, a custo, caminhando  
Ao crepúsculo, pôde o velho, passo a passo,  
A montanha alcançar, viu que a noite no espaço  
Vinha a negra legião das sombras espargindo...  
Crescia a treva. A medo, entre as nuvens luzindo,  
No alto, a primeira estrela o cálix de ouro abria...  
Outra após cintilou na esfera imensa e fria...  
Outras vieram... E, em breve, o céu, de lado a lado,  
Foi como um cofre real de pérolas coalhado.

#### IV

Então, Tapir, de pé, no arco apoiado, a fronte  
Ergueu, e o olhar passeou no infinito horizonte:  
Acima o abismo, abaixo o abismo, o abismo adiante.  
E, clara, no negror da noite, viu, distante,  
Alvejando no vale a taba do estrangeiro...  
Tudo extinto!... Era ele o último guerreiro!  
E do vale, do céu, do rio, da montanha,  
De tudo que o cercava, ao mesmo tempo, estranha,  
Rouca, extrema, rompeu a mesma voz: — "É finda  
Toda a raça dos teus: só tu és vivo ainda!  
Tapir! Tapir! Tapir! Morre também com ela!  
Já não fala Tupã no ulular da procela...  
As batalhas de outrora, os arcos e os tacapes,  
As florestas sem fim de flechas e acanguapes,  
Tudo passou! Não mais a fera inúbia à boca  
Dos guerreiros, Tapir, soa medonha e rouca.

É mudo o maracá. A tribo exterminada  
Dorme agora feliz na Montanha Sagrada...  
Nem uma rede o vento entre os galhos agita!  
Não mais o vivo som de alegre dança, e a grita  
Dos pajés, ao luar, por baixo das folhagens,  
Rompe os ares... Não mais! As poracés selvagens,  
As guerras e os festins, tudo passou! É finda  
Toda a raça dos teus... Só tu és vivo ainda! —"

#### V

E num longo soluço a voz misteriosa  
Expirou... Caminhava a noite silenciosa,  
E era tranqüilo o céu; era tranqüila em roda,

Imersa em plúmbeo sono, a natureza toda.

E, no tope do monte, era de ver erguido  
O vulto de Tapir... Inesperado, um ruído  
Seco, surdo soou, e o corpo do guerreiro  
De súbito rolou pelo despenhadeiro...  
E o silêncio outra vez caiu.

Nesse momento,  
Apontava o luar no curvo firmamento.

*A Gonçalves Dias*

Celebraste o domínio soberano  
Das grandes tribos, o tropel fremente  
Da guerra bruta, o entrechocar insano  
Dos tacapes vibrados rijamente,

O maracá e as flechas, o estridente  
Troar da inúbia, e o canitar indiano...  
E, eternizando o povo americano,  
Vives eterno em teu poema ingente.

Estes revoltos, largos rios, estas  
Zonas fecundas, estas seculares  
Verdejantes e amplíssimas florestas

Guardam teu nome: e a lira que pulsaste  
Inda se escuta, a derramar nos ares  
O estridor das batalhas que contaste.

*Guerreira*

É a encarnação do mal. Pulsa-lhe o peito  
Ermo de amor, deserto de piedade...  
Tem o olhar de uma deusa e o altivo aspecto  
Das cruentas guerreiras de outra idade.

O lábio ao ríctus do sarcasmo afeito  
Crispa-se-lhe num riso de maldade,  
Quando, talvez, as pompas, com despeito,  
Recorda da perdida majestade.

E assim, com o seio ansioso, o porte erguido,  
Corada a face, a ruiva cabeleira  
Sobre as amplas espáduas derramada,

Faltam-lhe apenas a sangrenta espada  
Inda rubra da guerra derradeira,  
E o capacete de metal polido...  
*Para a Rainha Dona Amélia de Portugal*  
Um rude resplendor, de rude brilho, touca

E nimba o teu escudo, em que as quinas e a esfera  
Guardam, ó Portugal! A tua glória austera,  
Feita de louco heroísmo e de aventura louca.

Ver esse escudo é ver a Terra toda, pouca  
Para a tua ambição; é ver Afonso, à espera  
Dos mouros, em Ourique; e, em redor da galera  
Do Gama, ouvir do mar a voz bramante e rouca...

Mas no vosso brasão, Borgonha! Avis! Bragança!  
De ouro e ferro, encerrando o orgulho da conquista, Faltava a suavidade e o  
encanto de uma flor;

E eis sobre ele pairando o alvo lírio de França,  
Que lhe deu, flor humana, alma gentil de artista,  
Um sorriso de graça e um perfume de amor...

*A um Grande Homem*

Heureuse au fond du bois  
la source pauvre et pure!  
Lamartine.

Olha: era um tênue fio  
De água escassa. Cresceu Tornou-se em rio  
Depois. Roucas, as vagas  
Engrossa agora, e é túrbido e bravio,  
Roendo penedos, alagando plagas.

Humilde arroio brando!...  
Nele, no entanto, as flores, inclinando  
O débil caule, inquietas  
Miravam-se. E, em seu claro espelho, o bando  
Se revia das leves borboletas.

Tudo, porém: — cheirosas  
Plantas, curvas ramadas rumorosas,  
Úmidas relvas, ninhos  
Suspensos no ar entre jasmims e rosas,  
Tardes cheias da voz dos passarinhos,  
Tudo, tudo perdido  
Atrás deixou. Cresceu. Desenvolvido,  
Foi alargando o seio,  
E do alpestre rochedo, onde nascido  
Tinha, crespo, a rolar, descendo veio...

Cresceu. Atropeladas,  
Soltas, grossas as ondas apressadas  
Estendeu largamente,  
Tropeçando nas pedras espalhadas,

No galope impetuoso da corrente...

Cresceu. E é poderoso:  
Mas enturba-lhe a face o lodo ascoso...  
É grande, é largo, é forte:  
Mas, de parcéis cortado, caudaloso,  
Leva nas dobras de seu manto a morte.

Implacável, violento,  
Rijo o vergasta o latego do vento.  
Das estrelas, caindo  
Sobre ele em vão do claro firmamento  
Batem os raios límpidos, luzindo...

Nada reflete, nada!  
Com o surdo estrondo espanta a ave assustada;  
É turvo, é triste agora.  
Onde a vida de outrora sossegada?  
Onde a humildade e a limpidez de outrora?

Homem que o mundo aclama!  
Semideus poderoso, cuja fama  
O mundo com vaidade  
De eco em eco no século derrama  
Aos quatro ventos da celebridade!

Tu, que humilde nasceste,  
Fraco e obscuro mortal, também cresceste  
De vitória em vitória,  
E, hoje, inflado de orgulhos, ascendeste  
Ao sólio excelso do esplendor da glória!

Mas, ah! Nesses teus dias  
De fausto, entre essas pompas luzidias,  
— Rio soberbo e nobre!  
Hás de chorar o tempo em que vivias  
Como um arroio sossegado e pobre...

*A Sesta de Nero*

Fulge de luz banhado, esplêndido e suntuoso,  
O palácio imperial de pórfito luzente  
E mármore da Lacônia. O teto caprichoso  
Mostra, em prata incrustado, o nácar do Oriente.

Nero no toro ebúrneo estende-se indolente...  
Gemas em profusão do estrágulo custoso  
De ouro bordado vêem-se. O olhar deslumbra, ardente,  
Da púrpura da Trácia o brilho esplendoroso.

Formosa ancila canta. A aurilavrada lira  
Em suas mãos soluça. Os ares perfumando,  
Arde a mirra da Arábia em recendente pira.

Formas quebram, dançando, escravas em coréia.  
E Neto dorme e sonha, a fronte reclinando  
Nos alvos seios nus da lúbrica Popéia.

*O Incêndio de Roma*

Raiva o incêndio. A ruir, soltas, desconjuntadas,  
As muralhas de pedra, o espaço adormecido  
De eco em eco acordando ao medonho estampido,  
Como a um sopro fatal, rolam esfaceladas.

E os templos, os museus, o Capitólio erguido  
Em mármore frígio, o Foro, as erectas arcadas  
Dos aquedutos, tudo as garras inflamadas  
Do incêndio cingem, tudo esbroa-se partido.

Longe, reverberando o clarão purpurino,  
Arde em chamas o Tibre e acende-se o horizonte...  
— Impassível, porém, no alto do Palatino,

Neto, com o manto grego ondeando ao ombro, assoma  
Entre os libertos, e ébrio, engrinaldada a fronte,  
Lira em punho, celebra a destruição de Roma.

*O Sonho de Marco Antônio*

Noite. Por todo o largo firmamento  
Abrem-se os olhos de ouro das estrelas...  
Só perturba a mudez do acampamento  
O passo regular das sentinelas.

Brutal, febril, entre canções e brados,  
Entrara pela noite adiante a orgia;  
Em borbotões, dos cântaros lavrados  
Jorrara o vinho. O exército dormia.

Insone, entanto, vela alguém na tenda  
Do general. Esse, entre os mais sozinho,  
Vence a fadiga da batalha horrenda,  
Vence os vapores cálidos do vinho.

Torvo e cerrado o cenho, o largo peito  
Da couraça despido e arfando ansioso,  
Lívica a face, taciturno o aspeito,  
Marco Antônio medita silencioso.

Da lâmpada de prata a luz escassa



Resvala pelo chão. A quando e quando,  
Treme, enfunada à viração que passa,  
A cortina de púrpura oscilando.

O general medita. Como, soltas  
Do álveo de um rio transvazado, as águas  
Crescem, cavando o solo, — assim, revoltas,  
Fundas a alma lhe vão sulcando as mágoas.

Que vale a Grécia, e a Macedônia, e o enorme  
Território do Oriente, e este infinito  
E invencível exército que dorme?  
Que doces braços que lhe estende o Egito!...

Que vença Otávio! E seu rancor profundo  
Leve da Hispânia à Síria a morte e a guerra!  
Ela é o céu... Que valor tem todo o mundo,  
Se os mundos todos seu olhar encerra?!

Ele é valente e ela o subjuga e o doma...  
Só Cleópatra é grande, amada e bela!  
Que importa o império e a salvação de Roma?  
Roma não vale um só dos beijos dela!...

Assim medita. E alucinado, louco  
De pesar, com a fadiga em vão lutando,  
Marco António adormece a pouco e pouco,  
Nas largas mãos a frente reclinando.

## II

A harpa suspira. O melodioso canto,  
De uma volúpia lânguida e secreta,  
Ora interpreta o dissabor e o pranto,  
Ora as paixões violentas interpreta.

Amplio dossel de seda levantina,  
Por colunas de jaspe sustentado,  
Cobre os cetins e a caxemira fina  
Do régio leito de ébano lavrado.

Move o leque de plumas uma escrava.  
Vela a guarda lá fora. Recolhida,  
Os pétreos olhos uma esfinge crava  
Nas formas da rainha adormecida.

Mas Cleópatra acorda... E tudo, ao vê-la  
Acordar, treme em roda, e pasma, e a admira:

Desmaia a luz, no céu descora a estrela,  
A própria esfinge move-se e suspira...

Acorda. E o torso arqueando, ostenta o lindo  
Colo opulento e sensual que oscila.  
Murmura um nome e, as pálpebras abrindo,  
Mostra o fulgor radiante da pupila.

III

Ergue-se Marco Antônio de repente...  
Ouve-se um grito estrídulo, que soa  
O silêncio cortando, e longamente  
Pelo deserto acampamento ecoa.

O olhar em fogo, os carregados traços  
Do rosto em contração, alto e direito  
O vulto enorme, — no ar levanta os braços,  
E nos braços aperta o próprio peito.

Olha em torno e desvaira. Ergue a cortina,  
A vista alonga pela noite afora.  
Nada vê. Longe, à porta purpurina  
Do Oriente em chamas, vem raiando a aurora.

E a noite foge. Em todo o firmamento  
Vão se fechando os olhos das estrelas:  
Só perturba a mudez do acampamento  
O passo regular das sentinelas.

*Lendo a Ilíada*

Ei-lo, o poema de assombros, céu cortado  
De relâmpagos, onde a alma potente  
De Homero vive, e vive eternizado  
O espantoso poder da argiva gente.

Arde Tróia... De rastos passa atado  
O herói ao carro do rival, e, ardente,  
Bate o sol sobre um mar ilimitado  
De capacetes e de sangue quente.

Mais que as armas, porém, mais que a batalha  
Mais que os incêndios, brilha o amor que ateia  
O ódio e entre os povos a discórdia espalha:

— Esse amor que ora ativa, ora asserena  
A guerra, e o heróico Páris encadeia  
Aos curvos seios da formosa Helena.

*Messalina*

Recordo, ao ver-te, as épocas sombrias  
Do passado. Minh'alma se transporta  
À Roma antiga, e da cidade morta  
Dos Césares reanima as cinzas frias;

Triclínios e vivendas luzidias  
Percorre; pára de Suburra à porta,  
E o confuso clamor escuta, absorta,  
Das desvairadas e febris orgias.

Aí, num trono erecto sobre a ruína  
De um povo inteiro, tendo à frente impura  
O diadema imperial de Messalina,

Vejo-te bela, estátua da loucura!  
Erguendo no ar a mão nervosa e fina,  
Tinta de sangue, que um punhal segura.

*A Ronda Noturna*

Noite cerrada, tormentosa, escura,  
Lá fora. Dorme em trevas o convento.  
Queda imoto o arvoredado. Não fulgura  
Uma estrela no torvo firmamento.

Dentro é tudo mudez. Flébil murmura,  
De espaço a espaço, entanto, a voz do vento:  
E há um rasgar de sudários pela altura,  
Passo de espectros pelo pavimento...

Mas, de súbito, os gonzos das pesadas  
Portas rangem... Ecoa surdamente  
Leve rumor de vozes abafadas.

E, ao clarão de uma lâmpada tremente,  
Do claustro sob as tácitas arcadas  
Passa a ronda noturna, lentamente...

*Defenda Carthago!*

I

Fulge e dardeja o sol nos amplos horizontes  
Do céu da África. Ao largo, em plena luz, dos montes  
Destacam-se os perfis. Tremulamente ondeia,  
Vasto oceano de prata, a requeimada areia.  
O ar, pesado, sufoca. E, desfraldando ovantes  
Das bandeiras ao vento as pregas ondulantes,  
Desfilam as legiões do exército romano  
Diante do general Cipião Emiliano.  
Tal soldado sopesa a dava de madeira;

Tal, que a custo sofreia a cólera guerreira,  
Maneja a bipenata e rude machadinha.  
Este, à ilharga pendente, a rútila bainha  
Leva do gládio. Aquele a poderosa maça  
Carrega, e às largas mãos a ensaia. A custo passa,  
Curvado sob o peso e de fadiga aflando,  
De guerreiros um grupo, os aríetes levando.  
Brilham em confusão cristados capacetes.  
Cavaleiros, contendo os arditos ginetes,  
Solta a clâmide ao ombro, ao braço afivelado  
O côncavo broquel de cobre cinzelado,  
Brandem o pílum no ar. Ressona, a espaços, rouca,

A bélica bucina. A tuba cava à boca  
Dos eneatores troa. Hordas de sagitários  
Vêm-se, de arco e carcás armados. O ouro e os vários  
Ornamentos de prata embutem-se, em tauxias  
De um correto lavor, nas armas luzidias  
Dos generais. E, ao sol, que, entre nuvens, cintila,  
Em torno de Cartago o exército desfila.

Mas, passada a surpresa, às pressas, a cidade  
Aos escravos cedera armas e liberdade,  
E era toda rumor e agitação. Fundindo  
Todo o metal que havia, ou, céleres, brunindo  
Espadas e punhais, capacetes e lanças,  
Viam-se a trabalhar os homens e as crianças.

Heróicas, abafando os soluços e as queixas,  
As mulheres, tecendo os fios das madeixas,  
Cortavam-nas.  
Cobrindo espáduas deslumbrantes,  
Cercando a carnação de seios palpitantes  
Como véus de veludo, e provocando beijos,  
Excitaram paixões e lúbricos desejos  
Essas tranças da cor das noites tormentosas...  
Quantos lábios, ardendo em sedes luxuriosas,  
As tocaram outrora entre febris abraços!...  
Tranças que tanta vez — frágeis e doces laços! —  
Foram cadeias de ouro invencíveis, prendendo  
Almas e corações, — agora, distendendo  
Os arcos, despedindo as setas aguçadas,  
Iam levar a morte... — elas, que, perfumadas,  
Outrora tanta vez deram a vida e o alento  
Aos presos corações!...

Triste, entretanto, lento,

Ao pesado labor do dia sucedera  
O silêncio noturno. A treva se estendera:  
Adormecera tudo. E, no outro dia, quando  
Veio de novo o sol, e a aurora, rutilando,  
Encheu o firmamento e iluminou a terra,  
A luta começou.

II

As máquinas de guerra  
Movem-se. Treme, estala, e parte-se a muralha,  
Racha de lado a lado. Ao clamor da batalha  
Estremece o arredor. Brandindo o pílum, prontas,  
Confundem-se as legiões. Perdido o freio, às tontas,  
Desbocam-se os corcéis. Enrijam-se, esticadas  
Nos arcos, a ringir, as cordas. Aceradas,  
Partem setas, zunindo. Os dardos, sibilando,  
Cruzam-se. Éneos broquéis amolgam-se, ressoando,  
Aos embates brutais dos piques arrojados.  
Loucos, afuzilando os olhos, os soldados,  
Preso a respiração, torvo e medonho o aspecto,  
Pela férrea squammata abroquelado o peito,  
Se escruam no furor, sacudindo os macetes.  
Não param, entretanto, os golpes dos aríetes,  
Não cansam no trabalho os musculosos braços  
Dos guerreiros. Oscila o muro. Os estilhaços  
Saltam das pedras. Gira, inda uma vez vibrada  
No ar, a máquina bruta... E, súbito, quebrada,  
Entre o insano clamor do exército e o fremente  
Ruído surdo da queda, — estrepitosamente  
Rui, desaba a muralha, e a pétrea mole roda,  
Rola, remoinha, e tomba, e se esfacela toda.

Rugem aclamações. Como em cachões, furioso,  
Parte os diques o mar, roja-se impetuoso,  
As vagas encrespando acapeladas, brutas,  
E inunda povoações, enche vales e grutas,  
E vai semeando o horror e propagando o estrago,  
Tal o exército entrou as portas de Cartago...

O ar os gritos de dor e susto, espaço a espaço,  
Cortavam. E, a bramir, atropelado, um passo  
O invasor turbilhão não deu vitorioso,  
Sem que deixasse atrás um rastro pavoroso  
De feridos. No ocaso, o sol morria exangue:  
Como que refletia o firmamento o sangue  
Que tingia de rubro a lâmina brilhante  
Das espadas. Então, houve um supremo instante,

Em que, cravando o olhar no intrépido africano  
Asdrúbal, ordenou Cipião Emiliano:  
"— Deixa-me executar as ordens do Senado!  
Cartago morrerá: perturba o ilimitado  
Poder da invicta Roma... Entrega-te! —"  
Orgulhoso,  
A fronte levantando, ousado e rancoroso,  
Disse o cartaginês:  
"— Enquanto eu tiver vida,  
Juro que não será Cartago demolida!  
Quando o incêndio a envolver, o sangue deste povo  
Há de apagá-lo. Não! Retira-te! —"  
De novo  
Falou Cipião:  
Atende, Asdrúbal! Por mais forte  
Que seja o teu poder, há de prostrá-lo a morte!  
Olha! A postos, sem conta, as legiões de Roma,  
Que Júpiter protege e que o pavor não doma,  
Vão começar em breve a mortandade infrene!  
Entrega-te! —"  
"— Romano, escuta-me! (solene,  
O outro volveu, e a raiva em sua voz rugia)  
Asdrúbal é o irmão de Aníbal... Houve um dia  
Em que, ante Aníbal, Roma estremeceu vencida  
E tonta recuou de súbito ferida.  
Ficaram no lugar da pugna, ensangüentados,  
Mais de setenta mil romanos, trucidados  
Pelo esforço e valor dos púnicos guerreiros;  
Seis alqueires de anéis dos mortos cavaleiros  
Cartago arrecadou... Verás que, como outrora,  
Do eterno Baal-Moloch a proteção agora  
Teremos. A vitória há de ser nossa... Escuta:  
Manda que recomece a carniceira luta! —"  
E horrível, e feroz, durante a noite e o dia,  
Recomeçou a luta. Em cada casa havia  
Um punhado de heróis. Seis vezes, pela face  
Do céu, seguiu seu curso o sol, sem que parasse  
O medonho estridor da sanha da batalha...  
Quando a noite descia, a treva era a mortalha  
Que envolvia, piedosa, os corpos dos feridos.  
Rolos de sangue e pó, blasfêmias e gemidos,  
Preces e imprecações... As próprias mães, entanto,  
Heróicas na aflição, enxuto o olhar de pranto,  
Viam cair sem vida os filhos. Combatentes  
Houve, que, não querendo aos golpes inclementes  
Do inimigo entregar os corpos das crianças,  
Matavam-nas, erguendo as suas próprias lanças...

Por fim, quando de todo a vida desertando  
Foi a extinta cidade, e, lúgubre, espalmando  
As asas negras no ar, pairou sinistra e horrenda  
A morte, teve um fim a peleja tremenda,  
E o incêndio começou.

III

Fraco e medroso, o fogo  
À branda viração tremeu um pouco, e logo,  
Inda pálida e tênue, ergueu-se. Mais violento,  
Mais rápido soprou por sobre a chama o vento:  
E o que era labareda, agora ígnea serpente  
Gigantesca, estirando o corpo, de repente  
Desenrosca os anéis flamívomos, abraça  
Toda a cidade, estala as pedras, cresce, passa,  
Rói os muros, estronda, e, solapando o solo,  
Os alicerces broca, e estringe tudo. Um rolo  
De plúmbeo e denso fumo enegrecido em torno  
Se estende, como um véu, do comburento forno.  
Na horrorosa eversão, dos templos arrancado,  
Vibra o mármore, salta; abre-se, estilhaçado,  
Tudo o que o incêndio aperta... E a fumarada cresce  
Sobe vertiginosa, espalha-se, escurece  
O firmamento... E, sobre os restos da batalha,  
Arde, voraz e rubra, a colossal fornalha.

Mudo e triste Cipiáo, longe dos mais, no entanto,  
Deixa livre correr pelas faces o pranto...

É que, — vendo rolar, num rápido momento  
Para o abismo do olvido e do aniquilamento  
Homens e tradições, reveses e vitórias,  
Batalhas e troféus, seis séculos de glórias  
Num punhado de cinza —, o general previa  
Que Roma, a invicta, a forte, a armipotente, havia  
De ter o mesmo fim da orgulhosa Cartago.  
E, perto, o precipitar estrepitoso e vago  
Do incêndio, que lavrava e inda rugia ativo,  
Era como o rumor de um pranto convulsivo...

**FIM**